

**PAULO FREIRE EM SOROCABA E GENEVRA:  
ENTREVISTA COM O PROF. ALDO VANNUCCHI****PAULO FREIRE IN SOROCABA AND GENEVA:  
AN INTERVIEW WITH PROFESSOR ALDO VANNUCCHI\***

Márcia Aparecida Luna Rodrigues Germano\*\*  
Marcos Antonio dos Santos Reigota\*\*\*

**Márcia/Marcos:** Quando Freire esteve na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, para a série de Conferências que foram realizadas entre 1980-1981, o que ele representou, ou acrescentou na época para a faculdade e para os alunos?

**Aldo Vannucchi:** Como eu trabalhei com ele um ano e meio no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, como diretor da Faculdade de Filosofia e o convidei, em 1980 pra vir aqui. Ele aceitou imediatamente e veio várias vezes, e dali nasceu o livro “Paulo Freire ao vivo” (Edições Loyola), com as palestras dele gravadas e depois revisadas por ele. Com essas, palestras a intenção da gente foi, precisamente, fazer com que na Faculdade de Filosofia e não só no curso de Pedagogia, mas em todas as nossas licenciaturas, houvesse uma aragem nova na linha do pensamento dele, um sopro de renovação dentro do pensamento dele. Você sabe que um diretor ou um reitor não são donos do pensamento da Faculdade ou da Universidade, nem devem ser, principalmente na Universidade, local chave do pensamento plural. E a vinda dele, na minha intenção, era fazer com que (em 80 ainda era ditadura) se retomassem aquelas idéias de antes do Golpe, idéias de uma educação libertadora basicamente, uma educação libertadora que, no fundo, é o respeito pela pessoa do educando, desde a pré-escola e também no ciclo de educação de jovens e adultos.

---

\* Mestre em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana, em Roma, Itália. Reitor da Uniso. Vice-Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação. Ex-Reitor da Associação Brasileira de Universidades Comunitárias (ABRUC).

E-mail: aldo.vannucchi@uniso.br

\*\* Mestre em Educação pela Uniso. Funcionária do Programa de Alfabetização de Adultos “Sorocaba sem analfabetos” da Uniso.

E-mail: marcia.germano@uniso.br

\*\*\* Prof. do Programa de Mestrado em Educação da Uniso. Editor da Revista de Estudos Universitários.

E-mail: marcos.reigota@uniso.br

**Márcia/Marcos:** Segundo a apresentação no livro sobre aquelas conferências, nessa época a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estava realizando o “Projeto Vivendo e Aprendendo”, com três objetivos, sendo dois deles:

-“buscar uma ação educativa que leve à intervenção na realidade e à sua valorização, ou seja, a aprender com a vida”;

-“descobrir propostas alternativas de ação que estimulem a reflexão sobre como mudar nossa prática, para que a educação desempenhe um papel conscientizador e transformador da realidade”;

Isso de fato ocorreu em algum momento e como se desenvolveram esses objetivos e que resultados práticos foram efetivados?

**Aldo Vannucchi:** Eu lembraria dois pontos. Primeiro essa renovação, esse impulso para uma educação libertadora era na linha de ligar teoria com a prática, vivendo e aprendendo, batendo muito forte na idéia de que ninguém é ignorante, sem valor. Todos, sejam analfabetos, criança, jovem ou adulto, todos são pessoas que têm um cabedal de conhecimento na prática, pela prática da vida. A moça que trabalha em casa sabe várias coisas que eu com curso superior não sei fazer; aquele homem que passa pela rua, com roupa modesta, de cabeça baixa, ele certamente sabe coisas que eu não sei. Então o “Vivendo e Aprendendo” era nessa linha de fazer com que o aluno, sobretudo de Pedagogia, valorizasse muito a classe, o aluno, a criança, o jovem, seja quem for que esteja na frente dele para o processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto muito prático que a vinda de Paulo Freire motivou foi que, a partir dessas palestras, a Faculdade partiu para um trabalho de criação em Sorocaba de União das Associações de Moradores de Bairro, a USABS. E isso exigiu muitas reuniões (você não imaginam como é difícil trabalhar com associação de bairro, porque justamente é uma entidade que nasce de alguma liderança, e é bem vinda, mas tem pretensões político-partidárias e, por isso, essa liderança, muitas vezes, divide). Sorocaba, naquela época, tinha umas trintas Associações de Bairros, registradas e cadastradas na Prefeitura, e a gente percebia que a força delas era muito fragmentada. Teriam muito mais força se se unissem, para reivindicar a solução de problemas da cidade, como transporte coletivo, saneamento básico, habitação, iluminação pública, e na Faculdade a gente fez várias reuniões, muitas reuniões, convidando, convidando, convidando, reuniões às vezes com 5 ou 6 representantes, às vezes 20, até que foi registrada a USABS. Associação que trabalhou acho que dez anos, e hoje, infelizmente, está inativa, devido a uma liderança muito negativa que contestou certas coisas, e hoje nem sei como está. De qualquer forma, foi um momento importante na vida de Sorocaba, na vida política e, no despertar da consciência dessa população dos bairros.

**Márcia/Marcos:** Na mesma apresentação no livro com as conferências de Freire, o senhor escreveu que, durante todo o processo escolar, o conteúdo do ensino está desvinculado da realidade, o senhor ainda tem essa opinião? E como ligar o ensino à realidade?

**Aldo Vannucchi:** É uma afirmação global que supõe, evidentemente, exceções. Vocês, colegas de vocês e muita gente aí, já estão nessa linha há um bom tempo, de conjugar teoria e prática, realidade e escola, Piaget e realidade, Paulo Freire e a sala de aula. Acho que, por outro lado, essa chamada é importante, é muito importante, porque essa é uma das grandes tentações, um dos grandes perigos do mundo universitário, do professor, não só universitário, mas também do ensino médio e até do básico, essa tentação de não digo ostentar teoria e saber, mas esquecer a união da teoria com a prática. A palavra do professor é a oralização do seu pensamento, é o sopro que concretiza as suas idéias. Mas as idéias dentro só do mundo cerebral não mudam o mundo e nem a própria pessoa, porque não comprometem. A palavra, filosoficamente, é algo essencial ao ser humano e essencial à sociedade humana, porque é impossível ser humano sem se comunicar. Então, a vinculação com o real é justamente tudo isso, porque se a minha palavra não se ligar à realidade é palavra vazia, sem sentido. É como se alguém viesse conversar comigo em chinês. Vai ser difícil, os dois vão tentar se comunicar apenas por gesto, tentar furar a barreira da língua, sem chegar à realidade, a realidade de quem fala, de quem ouve e vice-versa.

**Márcia/Marcos:** No seu entender, como reitor da Universidade de Sorocaba, atualmente a Uniso tem em sua prática pedagógica, ações que refletem o pensamento e a obra de Paulo Freire? Se a resposta for negativa, porque a dificuldade, o que impede que isso seja realizado?

**Aldo Vannucchi:** Eu acho que a Uniso está na linha do Paulo Freire, tanto nas opções institucionais como na prática habitual. Você sabe que um dos princípios da vida universitária é a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão. Não pode haver ensino, não pode haver sala de aula, não pode haver leitura e biblioteca, não pode haver excursão, não pode haver visita a museu, não pode haver uma exposição, uma visita à feira de livros, à Bienal, sem a preocupação de aprender, de ensinar e aprender, e isso ao mesmo tempo em que é um estudo, é uma busca, é uma pesquisa, e a pesquisa é sempre um esforço para sair do lugar comum, do trabalho habitual, das limitações pessoais e se estender pra mais longe. Então, ensino, pesquisa e extensão, essa indissociabilidade é batida e rebatida na Uniso freqüentemente, especialmente com o

corpo docente, nas reuniões dos professores, nos fóruns de graduação, de pós-graduação, no Mestrado. A pesquisa é outra urgência da Uniso que é uma Universidade nova, tem 11 anos apenas, mas já temos 45 ou mais projetos de pesquisa oficiais caminhando, e outros já concluídos. Temos já o Mestrado em Educação e, nesses dias deve ser aprovado pela Capes o de Comunicação e estamos preparando os Mestrados em Farmácia e em Desenvolvimento Regional. São Mestrados muito importantes, numa linha muito aderente à realidade de Sorocaba e região. São Mestrados que não nasceram aqui da cabeça da Reitoria ou de um esforço político de alguém, mas de uma germinação do que nós somos interna e externamente, do que nós temos, do que nós podemos. Fica, assim, muito claro que a prática da aderência à realidade na Uniso está demonstrada nessa busca da pesquisa, e exemplarmente nessa preocupação com os seus Mestrados e com o projeto de implantação do nosso Doutorado em Educação. Vocês que estão aqui talvez sejam a primeira turma desse Doutorado, daqui a uns dois ou três anos. O outro lado dessa visão de aderência à realidade está especialmente também na nossa Extensão.

A extensão é uma marca muito forte da Uniso. Estamos realizando inúmeros projetos com a Prefeitura; projetos com o Conjunto Hospitalar, com Centros de Saúde, com empresas, com associações de bairros, com paróquias, com muitas outras entidades, justamente nesse esforço de estar presente na realidade de Sorocaba e da Região, inclusive com o “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”, programa de Educação de Jovens e Adultos, que hoje tem mais de 2 mil alunos em dez cidades da Região.

**Márcia/Marcos:** O legado de Paulo Freire é concreto e atingível em toda sua obra ou em determinadas circunstâncias é uma metodologia difícil de ser aplicada em sua essência? E hoje o que representa a obra de Paulo Freire para a alfabetização de jovens e adultos no atual contexto político e pedagógico, no Brasil e no mundo?

**Aldo Vannucchi:** A continuidade do pensamento de Paulo Freire, a fidelidade a esse pensamento está precisamente no esforço de não simplesmente alfabetizar, mas de formar cidadãos. É um esforço e eu sempre cobro da coordenadora do nosso Projeto de Alfabetização, se realmente esse alunado está sendo despertado para a cidadania, porque todos são sujeitos de direitos e deveres e a gente quer que esse trabalho, que é na grande maioria, de professores voluntários, seja um trabalho realmente de convicção, para fazer com que a cidadania mais que uma palavra da moda seja um esforço presente de pessoas que vão assumindo a sua própria dignidade. Acho que é nessa linha que o nosso trabalho procura concretizar aquele pensamento que é a utopia de Paulo Freire, utopia no sentido real, de algo ainda não concretizado, mas que, pouco a pouco, vai sendo atingido.

**Márcia/Marcos:** Quando falamos de pessoas adultas que não tiveram oportunidade de estudos na idade certa, e depois voltam a estudar, verificamos que essas pessoas têm uma vivência rica, ou seja, dentro do pensamento de Freire possuem “a leitura de mundo, mas não a Leitura da palavra”, dentro dessa idéia de Freire o que o senhor acrescentaria a esse respeito?

**Aldo Vannucchi:** A tal leitura de mundo é palavra muito usada por Paulo Freire. Hoje a gente tem que fazer, viver, lutar por aquilo que realmente ele faria, diria, lutaria hoje, ou seja, a realidade atual. Paulo viveu as primeiras décadas da globalização e hoje nós estamos já totalmente imersos no mundo globalizado. Basta ver aquele netinho, aquela criança, sobrinho, ou filho de vocês de três, quatro anos que já manipula o computador, coisa impressionante, não só manipula, como às vezes é o socorro do avô ou da avó, nessa área. Hoje, a globalização e a tecnologia desenfreada, fazem com que o pensamento humano seja atingível em qualquer parte do mundo geograficamente falando e por qualquer pessoa do mundo, teoricamente falando. Evidentemente, é preciso que a pessoa seja alfabetizada, que a pessoa tenha um mínimo de condições econômicas. Quanta gente no desemprego, na miséria, não tem essa oportunidade que nós temos, mas essa realidade atual faz com que o ideal utópico de cidadania, de libertação, de afirmação da dignidade da pessoa, não apenas como número, como máquina, como peça da engrenagem, mas como sujeito histórico, como cidadão, como ser ativo, exige justamente isso, essa participação, essa consciência. Não adianta você ficar falando mal da globalização, da pornografia ou da pedofilia, através da Internet, da perda de tempo, de tanto spam, de tanto e-mail besta, de tanta oferta de mercadoria material ou humana via Internet, não adianta. Você tem que ter o crivo, o discernimento, fazer a crise de tudo.

**Márcia/Marcos:** Como foi para o senhor viver, estar no exílio com Paulo Freire, dois brasileiros na mesma situação em Genebra, convivendo e trabalhando juntos?

**Aldo Vannucchi:** Foi um tempo muito bom. É claro que viver fora do país é muito difícil. Eu me lembro quando cheguei em Genebra, dia 11 de julho de 1973, logo no dia seguinte comecei a procurar emprego na Unesco, na Nunciatura Apostólica, na Organização Mundial de Saúde, mas daí um amigo norte-americano muito bom que viveu na Argentina e trabalhava no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, que é uma entidade que sempre trabalhou pelos direitos dos presos políticos de todos os países, me recebeu e me contratou. Lá estava Paulo Freire. Eu tinha uma carta de apresentação daqui da CNBB (Confederação Nacional de Bispos Brasileiros), falando sobre meu tra-

balho e consegui esse emprego, com salário suficiente pra alugar um apartamentozinho. Naquele trabalho tinha contato diário com o Paulo. Não tão diário, porque o Paulo viajava muito pelo mundo todo, mas sempre que ele estava lá a gente estava junto. Ele firmou um compromisso comigo, de toda quarta-feira jantar no seu apartamento. Paulo era um sentimental de marca maior, e a sua comida tinha que ser brasileira. Viveu dez anos lá no Conselho Mundial de Igrejas onde a língua era inglês, francês e espanhol. Não aprendeu nada de francês, ele tinha uma repulsa ao francês, mas se virava bem no inglês e espanhol. Minha intimidade com ele era muito boa. Lá eu conheci a senhora dele, dona Elza. Essa merece um livro! Dona Elza foi professora primária, grande apoio dele, ela era pé no chão, ele muito sonhador, sentimental. Parece, lendo os seus livros, que ele tem grande gosto pela teoria, mas na verdade uma teoria que está sempre bafejada por alguma coisa concreta, prática e linda. Nessas conversas na casa dele, era o Brasil o assunto. Mas Paulo Freire não foi herói, um semideus. A realidade na vida de Paulo era também marcada por doenças, o exílio, os filhos morando longe, a luta contra outras línguas, a repulsa às outras dietas alimentares, a necessidade de estar sempre num assento de avião. Quem faz muito isso sabe que é muito cansativo. Outra coisa: ele tinha carro, um bom carro, mas não tinha carteira e nem dirigia, então parecia que eu era dono do carro e ele o caronista. Que mais e eu posso dizer dessa convivência? Paulo era respeitadíssimo no Conselho, era a voz oficial no reino da educação, lá no Conselho Mundial de Igrejas, havia outros, mas ele era o principal. Um dos trabalhos que fiz com ele, foi em espanhol, com a colônia espanhola que trabalha em Genebra, não diretamente com os cidadãos espanhóis que lá trabalhavam, mas com os padres espanhóis que trabalhavam na Suíça com a colônia espanhola, uns vinte mais ou menos. Paulo é que foi convidado, mas ele dividiu comigo e fez somente a abertura e as outras palestras ele pediu que eu fizesse sobre a “Pedagogia do Oprimido”, para o conhecimento daqueles jovens padres espanhóis.

**Márcia/Marcos:** No Livro “Ação Cultural para a Liberdade” (1982, p. 49), Freire diz: “Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.”

O que o senhor acrescentaria a esta fala de Freire?

**Aldo Vannucchi:** Em parte já respondi, quando falei da importância da palavra. O que posso acrescentar sobre o que a gente já discorreu um pouquinho é atualizar, melhor dizendo, contextualizar essa palavra do Paulo hoje, porque há perigos nesse trabalho de educação de jovens e adultos. O programa “Sorocaba sem analfabetos” da Uniso, um programa social ou um programa do Governo nessa área, por mais bem intencionados que sejam, precisam ser realmente respeitosos, ou seja, sempre considerar que esse cidadão que ainda não domina a escrita e a leitura tem tudo para dominar a convivência social, dominar não no sentido de ser o dono, mas dominar no sentido de ele não ser absorvido, no sentido de ser sempre sujeito criativo, sujeito responsável e respeitável. Esse esforço é muito sério, a gente às vezes vê os governos federal, estadual, municipal, as Ongs, as Universidades, as vezes os próprios alfabetizadores, muito preocupados com números: “vamos diminuir o número de analfabetos, vamos atingir tal número”. A questão não é bem essa, a questão seria: vamos fazer com que os trinta alfabetizados desse bairro, desse grupo, dessa paróquia, passem a assumir o seu papel nesse bairro, nessa paróquia. Assumir como gente que atua na comunidade, que tem algum papel dentro dessa comunidade, isso é que é muito importante. Fico triste quando vejo gente que é manipulada na paróquia e é usada pra lavar a igreja, pra varrer a igreja, pra ajudar o padre na missa. Não é subutilização, isso é infra-utilização, isso é um desrespeito, aquela pessoa que varre a igreja uma vez por semana, já aposentada, generosa, não está fazendo nada indigno, mas precisa também ser convidada a dizer a sua palavra na reunião do Conselho Paroquial. Ela precisa também ser ouvida pelo padre, que tenha a coragem de, às vezes, fazer uma reunião com o pessoal da liturgia, não pra dizer: “Olha, domingo que vem o bispo vem aí pra fazer isso, isso e isso”, mas que ele convide aquele pessoal pra perguntar “o que vocês estão achando do meu sermão”. Aí é gente ativa, aí é gente que tem algo pra dizer a própria palavra. Isso é exemplo bem concreto de como a palavra do Paulo Freire no contexto atual de mundo acelerado, de mundo globalizado, de mundo de super bombardeio de informações, a gente não pode esquecer, não pode acreditar que só o chefe, só o líder conhece as coisas, mas lembrar que todos têm possibilidade de estar bem informados e ter informações que às vezes escapam, precisamente porque o padre, o pastor, o professor, o doutor, o chefe, estão numa Linha de preocupações diferentes. Podem não estar sabendo nada do problema da falta d’água no bairro, na cidade dele. Quantas vezes você, professor, chega de outro bairro melhorzinho e vai ali dar aulas e fala de ciências, geografia, aritmética, e não tem nada a ver com a falta d’água daquela criançada que veio sem banho, ou outras coisas. Acho que Paulo Freire em Sorocaba hoje, atuaria mais ou menos nessa linha, de encarnação, de contextualização o máximo possível.

**Márcia/Marcos:** Qual o impacto do termo “conscientização” na obra de Paulo Freire?

**Aldo Vannucchi:** A palavra conscientização parece que caiu de moda, inclusive muita gente a criticou, mas o que o Paulo queria dizer era fazer com que a consciência (vejam que palavra rica, consciência, ciência com os outros, ciência com respeito da realidade, ciência com consciência) seja mais que a capacidade de estar consciente do que eu estou fazendo, do que eu sou. Essa é uma visão muito egoísta, muito intimista, muito privada dessa palavra fortíssima. Filosoficamente, consciência é justamente esse saber conectado, primeiro intimamente. O meu saber não pode ser um saber bruto, maciço, fechado. Tem que ser um saber impregnado de emoção, de sentimentos, de memória, de imaginação, porque nós somos tudo isso. Quando alguém diz: - Tenho consciência de que essa não é a mulher da minha vida, tenho 18 anos, fiquei uma noite, uma balada, depois foi bom, dali uma semana ou duas ele abre os olhos, se for refletir pode e deve chegar a essa consciência. Deve refletir, deve pensar, ter um conhecimento, uma ciência plena daquela situação, ela é realmente aquela que eu quero, então aí entra imaginação, sentimento, memória, emoções, nem só a emoção nem só a razão. É um conhecer englobante. Tem gente que pensa que filósofo é o cara que é só razão. Não é, se você olhar Sartre, ler Marx, o próprio Descartes, tão racionalista, eles tinham também a parte emocional evidentemente. Aliás, tudo começou na vida de Descartes com aquele sonho do método da razão clara e distinta. Houve também o célebre estalo do padre Vieira. De repente, ele teve uma iluminação, a vida dele mudou e ele se tornou o maior orador sacro da Língua portuguesa. Em suma, para responder à sua pergunta, quando Paulo falava em conscientização ele queria isso que a pessoa imergisse, mergulhasse na realidade total, ela toda e não simplesmente conscientização no sentido particular, íntimo e na realidade toda do mundo.

**Márcia/Marcos:** Freire via a “Educação como prática da liberdade”, como isso é possível hoje?

**Aldo Vannucchi:** Penso que quem se auto-respeita, quem procura valorizar a própria palavra, aprende a usar da própria liberdade de uma forma muito responsável. Esse é o dilema, esse é o paradoxo de exercício da liberdade: todo ser humano é livre? É livre! Mas todo ser humano sabe ser Livre? Toda Liberdade é necessariamente responsabilidade, porque a liberdade, não é a possibilidade de fazer o que a gente quer, mas de fazer o que a gente deve e pode fazer. Se a gente fosse livre mesmo pra fazer o que quer, a gente não seria livre, seria irresponsável, porque desde o nascer até às limitações da última idade e da morte, a gente está sempre desafiado entre fazer o que papai mandou ou bater o pé, entre ir à escola ou não, entre prestar atenção ou não

prestar atenção, entre namorar ou não namorar, entre levar a sério o emprego ou não. A vida toda a gente sempre está livre e ao mesmo tempo responsabilizado. Então, liberdade não é liberdade pra fazer o que a gente quer, mas liberdade pra fazer o que a gente deve e pode fazer. Conseqüentemente, se alguém conhece a “Pedagogia do Oprimido” e a “Pedagogia da Autonomia”, a obra enfim do Paulo Freire, acho que entende e pratica a liberdade sempre conjugada com responsabilidade, senão não vai ser um pedagogo, não vai ser um grande professor, uma excelente professora. A própria vida do Paulo Freire mostra a liberdade dele na primeira fase, nascimento no Recife até o exílio, 1921 a 1964. Primeiro, os belíssimos anos de criança feliz. Foi alfabetizado no quintal da sua casa. Aquele mundo tão pequenino do quintal, como Paulo diz, acabava sendo o mundo, a terra, a árvore, as plantas, uma galinha, um gato, cachorro, papagaio, passarinho. Foi ali nesse mundo aparentemente tão pequeno que ele aprendeu a ler. Era a liberdade da vida familiar. Depois o colégio e a Faculdade. Mais tarde, no Golpe de 64, preso, sua liberdade suprimida. Ficou na embaixada da Bolívia no Rio, depois foi pra Bolívia, conseguiu emprego, mas a altitude de La Paz é perigosa pra muita gente, aí ele conseguiu ir pro Chile. Lá conviveu com gente muito importante, não todos com a mesma cabeça, mas gente que foi exilada como ele, todos contra o Golpe. Depois, foi para os Estados Unidos, a convite de Harvard, e para Genebra. Volta ao Brasil em 79, e continua numa liberdade vigiada, mas sempre mostrando que a Liberdade é irmã gêmea da responsabilidade. Foi um ser livre sofrendo as repressões injustas na sua Liberdade, mas com responsabilidade. Esse o pensamento do Paulo, que o professor mostre em sala de aula o valor da liberdade, o valor dessa Liberdade responsável e dessa responsabilidade livre, porque senão a gente vai ser sempre juguete na vida. Afinal, eu sou bom professor, porque eu quero ser, ou porque eu tenho medo da supervisão e da direção,? Até que ponto essa liberdade é uma liberdade criativa, que me faz preparar bem cada aula, por exemplo.

**Márcia/Marcos:** No Livro “A Pedagogia do Oprimido”, (1987, p. 30), Freire diz: “A Luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas como ‘seres para si’, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos.”

Ainda hoje poderíamos dizer que esta fala de Freire continua válida e atual?

**Aldo Vannucchi:** Eu acho que esse jogo entre humanização e desumanização é polêmico. O esforço pessoal do professor, de cada um de nós é precisamente crescer em auto-humanização porque ninguém nasce maduro. Seria um monstro um neném falando, pensando, discutindo. O bonito, o belo do existir humano é precisamente esse desabrochar permanente inclusive na terceira, na última idade, a necessidade de a pessoa entender o processo humano como um processo evolutivo. Posso, com 70 anos, não ter mais a agilidade motora, mas, em compensação posso e devo ter mais abertura para o universal, mais capacidade de discernimento, mais capacidade de pesar os fatos, mais possibilidade de exemplaridade. Não que eu seja um exemplo de tudo, mas no sentido de eu poder repercutir, idéias, pensamentos, atitudes que provocam também a humanização dos outros. A tal sabedoria do velho, do ancião, é proverbial, mas é, quando ele realmente é, porque há muito velho, “*puer centum annorum*”, menino de 100 anos, isso é terrível. Pessoa de 60, 80 anos com atitudes infantis! O ideal é que nós cheguemos à maturidade com 50, 60 anos com equilíbrio. O ideal é ter uma maturidade que mostre que se está num processo de humanização. Eu vi isso na vida do Paulo Freire. Ele era bem limitado fisicamente, cansava fácil, chegava do serviço, às vezes, com enxaqueca prolongada, cansava muito com conversas e era muito requisitado, para entrevistas, até porque Genebra é uma cidade universal, cosmopolita. Chegava gente todo dia, do Japão, da Áustria, do Chile, do Brasil, e todo mundo queria vê-lo. Queria uma palavra dele, queria prefácio de novo livro, entrevistá-lo. Muita gente escreveu sobre ele e queria a opinião dele. Nunca vi rispidez nele. O que era isso? Era um processo evolutivo de humanização. Essa humanização proposta no pensamento pedagógico de Freire deveria ser uma preocupação nossa. O pensamento do Paulo nos ajuda a ser mais gente. Não é apenas um pensamento pra usar na aula, na minha escola, mas é um pensamento que nos ajuda a ser gente, porque toca na liberdade, toca na humanização, toca na importância da palavra, no fundamento universal da vida que é o diálogo.

Sorocaba, 20 de março de 2006.